

A IMPLANTAÇÃO DO COMPONENTE CURRICULAR ESTUDO ORIENTADO NA UNIDADE MAIS INTEGRAL INDÍGENA CACIQUE ADEBAL

Lílian Gomes de Oliveira ¹

Luiza Caroline Campos Santos Ribeiro ²

Niedja Duarte do Nascimento Moraes ³

Idaiana da Silva Neves Pereira ⁴

Anderson Augusto da Silva Pereira ⁵

INTRODUÇÃO

A implementação da educação em tempo integral no Brasil tem se consolidado como uma estratégia promissora para a formação completa do estudante, indo além do ensino tradicional para abraçar o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais. No entanto, a aplicação desse modelo em contextos de diversidade cultural, como as escolas indígenas, apresenta desafios únicos, como a necessidade de um currículo que respeite as especificidades culturais, os saberes ancestrais e as necessidades da comunidade local para que a educação integral não se torne mais uma forma de aculturação.

O ponto de partida para a compreensão da educação indígena no Brasil é a crítica ao modelo escolar que, historicamente, buscou assimilar os povos indígenas à cultura nacional, desconsiderando suas especificidades. Nesse sentido, antropólogos como Antônio Carlos de Souza Lima e Aracy Lopes da Silva demonstram que a escola ocidental, com sua estrutura e currículo, muitas vezes opera como um "lugar de passagem para a sociedade dos brancos", impondo saberes e lógicas que deslegitimam as formas de conhecimento e os processos de

¹ Especialista pelo Curso de Metodologia do ensino da Geografia da Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi, Graduada do Curso de Geografia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, lilianprofgeo.oliveira@gmail.com;

² Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER, Graduada do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, luizaccsr@gmail.com;

³ Especialista em Perspectivas Críticas da Literatura Contemporânea da Universidade Estadual do Maranhão - UFMA - MA, Especialização em Curso de Especialização em Mídias na Educação Universidade Federal do Maranhão - UEMA - MA, Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA -MA., niedja.n.moraes@gmail.com.

⁴ Mestre pelo Curso de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Especialista em Gestão escolar com ênfase em Coordenação e Orientação pela Universidade Norte do Paraná - Unopar e Graduada pelo Curso de Licenciatura em Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, idachico10@gmail.com ;

⁵ Especialista em Metodologia do Ensino de Matemática e Física, pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER e Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza com habilitação em Física da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, aasp2014@gmail.com.



socialização indígenas. Lima argumenta que a escola "não se adapta à realidade indígena, mas exige que o índio se adapte a ela" (LIMA, 1995). Essa abordagem homogeneizadora ignora a pluralidade cultural e linguística dos povos originários, tratando-os como um grupo subalterno. A educação escolar indígena deve partir de uma premissa radicalmente oposta, que não busque apenas traduzir o conhecimento "do branco" para a língua indígena, mas que seja construída a partir de seus próprios sistemas de conhecimento e de sua cosmovisão, fortalecendo a identidade cultural e a autonomia dos povos indígenas.

A legislação brasileira, com a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), assegura aos povos indígenas o direito a uma educação diferenciada, que respeita suas línguas e saberes. Documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, o Decreto nº 6.861/2009 e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, reforçam a necessidade de currículos adaptados às particularidades de cada etnia. Além disso, a Resolução nº 358/2004-CEE reconhece a escola indígena como um espaço criado para atender às necessidades específicas de cada comunidade no Maranhão, garantindo assim a autonomia para a definição de calendários e metodologias próprias.

Nesse sentido, a Secretaria de Educação do Maranhão (SEDUC/MA), implantou a primeira escola indígena em tempo integral, a Unidade Mais Integral Indígena Cacique Adebai, localizado na aldeia El Betel da etnia Guajajara, no município de Jenipapo dos Vieiras, no estado do Maranhão, com a construção de uma matriz curricular própria, adaptada à sua realidade.

O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a experiência da formação de professores para o início da implantação do componente curricular Estudo Orientado nesta escola. Nesse contexto, a problemática desta pesquisa residiu em como o componente curricular Estudo Orientado pode ser implantado e adaptado para esta comunidade indígena de forma a promover autonomia nos estudantes e valorizar suas raízes culturais. Para tanto, busca-se: descrever a metodologia de formação dos professores e o processo de construção do currículo em colaboração com a comunidade; analisar a relevância do componente para o desenvolvimento do protagonismo e da identidade cultural dos estudantes; e identificar os desafios e os primeiros resultados dessa experiência. Tal estudo adotou uma abordagem de pesquisa mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos para analisar a realidade da escola indígena.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)



Este estudo adota uma abordagem de pesquisa mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos para analisar a realidade da escola indígena em estudo. As pesquisas foram realizadas durante visitas técnicas e formativas ocorridas nos períodos de 10 a 14 de fevereiro, 12 a 15 de maio e 05 a 07 de agosto de 2025, nesta última data foi realizado o encontro específico para tratar da construção do componente curricular Estudo Orientado. A metodologia usada foi estruturada em três etapas principais:

- Etapa 1: Formação e Sensibilização Docente: apresentação conceitual e reflexão sobre o tema "Estudo Orientado". Nesse momento foram realizadas atividades como acolhida e exposição dialogada para apresentação conceitual, destacando a relevância deste componente para a autonomia do estudante, seguido de um debate sobre os desafios enfrentados por professores e estudantes. Dinâmicas como “Os 5 Desafios”, “Matriz Eisenhower” e “Quiz Digital usando o WordWall” foram usados como instrumentos para reforçar a resolução de problemas, raciocínio lógico, gerenciamento de tempo e consolidação de conhecimentos.
- Etapa 2: Coleta de Dados e Análise Diagnóstica: Para contextualizar a realidade escolar e fundamentar a construção de um currículo adaptado, foi aplicado questionários com perguntas fechadas e abertas (aplicado a 18 membros da equipe pedagógica) para coletar informações sobre as rotinas escolares, principais dificuldades e as metodologias já em uso nas comunidades indígenas.
- Etapa 3: Encaminhamentos e Projeção: Sistematização dos resultados com base nas reflexões e dados coletados. Foi proposto inicialmente a construção de um roteiro de práticas para as aulas de Estudo Orientado que incluísse momentos de planejamento, estudo individual e coletivo, e autoavaliação que atendessem as necessidades dos estudantes do Centro Educa Mais Cacique Adebai.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados discutidos a seguir foram construídos a partir da interação direta com professores da escola, da aplicação de questionários e da análise das atividades desenvolvidas durante o encontro formativo. Tais dados, apresentados a seguir, permitiram traçar um panorama das dificuldades e do potencial de intervenção pedagógica.

- Dificuldades dos Alunos e a Necessidade de Autonomia



As respostas indicam unanimidade entre os professores de que poucos ou nenhum estudante gerencia bem o tempo. A maioria dos docentes dedica "a maior parte da aula para orientar os alunos em suas rotinas de estudo", o que confirma a grande dependência dos estudantes em relação à figura do professor, com 81,8% das respostas. Essa falta de autonomia se reflete diretamente na prática de estudo onde um percentual de 27,3% ainda sinaliza que a principal estratégia dos alunos é a "releitura do conteúdo da aula" ou a "aplicação prática de exercícios" com 54,5%.

O questionário também evidencia que o hábito de estudar em casa é raro e que não mantém uma rotina de estudos com planejamento de horários. A maioria dos estudantes depende totalmente da cobrança externa para realizar suas atividades com 72,7%, precisando ser lembrados constantemente de suas atividades. Essa dependência é um dos principais obstáculos para o avanço da aprendizagem, pois limita o desenvolvimento da responsabilidade e do protagonismo estudantil.

- O Papel do Professor e a Concepção do Estudo Orientado

Apesar dos desafios, entre eles os de infraestrutura e formação específica para atuar neste componente, as respostas mostram que os professores compreendem a importância de sua função como "mediador, orientador e acompanhador do processo de estudo dos alunos" com 100% das respostas, mas reforçam a necessidade de formação específica. Indicam também que a principal estratégia para auxiliar os estudantes é "orientar a definição de objetivos claros e alcançáveis" e "definir horários fixos para estudar" com 100% das respostas. Isso sugere que os docentes já percebem o Estudo Orientado como uma oportunidade de fornecer as ferramentas e o direcionamento necessários para que os alunos construam suas próprias rotinas.

Todos os professores, 100%, definem o Estudo Orientado como "uma metodologia de êxito que organiza um tempo qualificado para apoiar os estudos de forma orientada". Essa concepção está em consonância com o modelo pedagógico proposto e mostra que a equipe docente está alinhada à proposta do componente curricular. Eles veem o Estudo Orientado não apenas como um momento para reforçar conteúdos, mas um espaço dedicado para que os estudantes desenvolvam habilidades de auto-organização e autonomia.

- Pontos de Convergência e de Atenção

Os resultados apontam para uma convergência de percepções entre os professores: a falta de autonomia dos alunos e a dificuldade em gerenciar o tempo são os principais obstáculos. As respostas "Não conseguem organizar seu tempo de estudo" e "Não conseguem identificar ou expressar suas dificuldades" com 81,8% das respostas, resumem os desafios



mais urgentes. No entanto, há um ponto de otimismo. As respostas sobre os alunos já conseguirem "se planejar e organizar a agenda de estudo com alguma orientação" com 27,3%, indicam que a intervenção pedagógica tem potencial para gerar resultados positivos, mesmo que de forma inicial.

A visão do professor como mediador e a compreensão do conceito de Estudo Orientado criam uma base sólida para a implementação de novas metodologias. Em seus relatos, muitos professores ressaltam a importância da escola estar articulada às necessidades de suas comunidades, como afirma a fala do docente “não adianta criar ou acrescentar algo que nós não estamos acostumados, tem que levar em conta a nossa cultura”. Sugestões como a participação maior da comunidade no cotidiano da escola para mostrar os rituais, as histórias, os conselhos, a origem das coisas e priorizar atividades que estimulem a oralidade e escrita, pois muitos estudantes falam a língua materna, mas não sabem escrever, foram elementos solicitados para construção de um currículo com significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no processo de implantação do componente curricular Estudo Orientado na Unidade Mais Integral Indígena Cacique Adebai revela que a educação em tempo integral, quando adaptada às particularidades culturais, tem o potencial de ir além da mera extensão da jornada escolar. O estudo demonstrou que a autonomia dos estudantes, embora um desafio inicial, pode ser desenvolvida com o apoio dos professores, que já compreendem seu papel fundamental como mediadores do processo de aprendizagem.

Os resultados apontam para uma sinergia promissora entre a teoria e a prática, onde a formação de professores, aliada à coleta de dados e à colaboração com a comunidade, possibilitaram a construção de um currículo relevante ao valorizar os saberes locais e as dinâmicas de ensino-aprendizagem próprias do povo Guajajara, se distanciando de uma abordagem aculturadora e se aproximando de um modelo de educação integral que fortalece a identidade cultural e o protagonismo estudantil indígena.

Em suma, a pesquisa não apenas documenta os desafios e os primeiros resultados de uma iniciativa pioneira no estado do Maranhão, mas também sublinha a importância de políticas educacionais que sejam flexíveis e sensíveis aos contextos de diversidade. A experiência nesta escola serve como um modelo de como a educação indígena pode ser um espaço de fortalecimento cultural, onde a tradição e a inovação pedagógica se encontram para garantir um futuro mais autônomo para os povos originários.



Palavras-chave: Educação indígena; Autonomia; Currículo adaptado; Estudo orientado; Protagonismo estudantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 set. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 jun. 2012. Seção 1, p. 19.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Escolar Indígena.** Brasília: MEC/SEF, 1998. CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BRASIL. **Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009.** Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/decreto/d6861.htm. Acesso em: 02 de set de 2025.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Escolarização "indígena":** o que a escola, e seu saber, fazem com os índios. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/UNESCO/Mari, 1995.

MARANHÃO. **Conselho Estadual de Educação.** Resolução nº 358/2004-CEE, de 28 de outubro de 2004. Estabelece normas para o funcionamento das Escolas Indígenas no Sistema de Ensino do Estado do Maranhão e dá outras providências. 2004. Disponível em: <https://conselhodeeducacao.ma.gov.br/files/2022/11/RESOLUCAO-2004-358.pdf>. Acesso em: 02 de set. 2025.

